

Educadores do Campo: nós entramos na Universidade de Brasília!¹

Esta tem como fonte os protocolos de leituras escritos e orais, a leitura das cartas de intenções do cotidiano dos alunos, onde expressam desejos e sonhos, como sujeitos do campo que ingressaram na Universidade de Brasília. São educadores e lideranças de comunidades rurais, assentados, quilombolas, pequenos agricultores da Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina (LEDOC). Nela analisamos a forma de ingresso diferenciado, o sistema de alternância, e buscamos perceber como através da memória, da oralidade em sala de aula estes sujeitos reconstroem uma história do tempo presente. Em suas narrativas procuramos captar as circunstâncias, as sensibilidades, os espaços, os vazios, na construção da memória coletiva.

A escolha deste tema tem como uma das fontes de inspiração Walter Benjamim: “*a História que deveria ser desnudada é a dos vencidos, a das vozes caladas e soterradas em meio aos escombros do passado, violento e repressor.*” (BENJAMIM [sd] p. 223). Uma história do tempo presente. Os alunos da educação do campo trazem em suas cartas sonhos, lamentos, esperanças e desejos, que poderão ser conquistados, realizados ou frustrados pela Universidade.

Nesta pesquisa realizou-se a leitura das cartas dos alunos enviadas à Universidade, a leitura dos protocolos de leitura verbais², as visitas realizadas no tempo comunidade e a

¹ PASQUETTI, Luis Antonio. Professor da Universidade de Brasília. Faculdade UnB Planaltina (FUP). Doutor em História. X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política, de 26 a 30 de abril de 2010 na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. <http://encontro2010.historiaoral.org.br/> Mesa: 11 - POLÍTICA, TERRA E RELAÇÕES DE TRABALHO. Coord.: PROF (A). DOUTOR VITALE JOANONI NETO, PROF (A). DOUTOR (A) CLERIA BOTELHO DA COSTA, PROF (A). DOUTOR JOÃO CARLOS BARROZO, PROF (A). DOUTOR EDISON ANTÔNIO DE SOUZA. Data e horário da apresentação. 29/04 - quinta-feira - Tarde (14h às 15h 45min)

convivência cotidiana no tempo escola. Em suas narrativas evidenciam a precariedade da educação das comunidades rurais, o desejo e o sonho de chegar ao ensino superior, de ingressar na Universidade:

“...foi o fato de ver quanto a nossa educação está precária, e também por falta de oportunidade de me ingressar em outro curso, e como cidadã desta região me sinto no dever de buscar conhecimentos qualificados como esse curso que a UnB está oferecendo agora.” (A.A.B. Município de Cavalcante. Goiás. 04 jun 2006.(2)

“...o ensino deixa a desejar e a maioria das crianças e adolescentes não foram instruídos como realmente deviam. Durante o período em que nós estivermos em curso o meu receio é qual será a possibilidade de um real aproveitamento do curso para uma atuação profissional”. E.G.B. Município de Cavalcante. GO. 04 jun 2009.(3)

Narrar, como fazem os alunos em suas cartas, segundo Benjamin (1994, p.197-8): *“é mergulhar as palavras em experiências vividas, as quais são carregadas de conceitos, é movimentar a racionalidade e a subjetividade individual no coletivo”*. Os alunos durante o curso são convidados a criar a memória diária individual e coletiva e uma das metodologias utilizadas são os protocolos verbais ou protocolos de leitura como método de pesquisa para descrever o contexto de aprendizado que envolve o conhecimento de mundo. As cartas refletem experiências do passado, mas, de maneira geral, suas narrativas são fortemente orientadas pelo futuro, depositam esperanças carregadas de sentimentos e de uma visão de um futuro melhor, apesar de serem escritas no contexto da dura realidade do Campo Brasileiro. De acordo com o Ministério da Educação (pesquisa INEP) 22,8% dos adolescentes do campo estão fora da escola. Os adolescentes da área rural têm quase quatro vezes mais possibilidade de ser analfabetos do que os da área urbana. Os estudantes narram suas histórias de vida num contexto em que 65,1 % dos estudantes rurais se encontram em situação de defasagem idade/série. As escolas do campo

² Os protocolos verbais têm origem na teoria de solução de problemas, desenvolvida por Newell e Simon (apud, CAVALCANTI, 1989). Em linhas gerais, o pesquisador, ao usar os protocolos verbais, pede ao sujeito que pense alto enquanto se desincumbe de uma tarefa. As primeiras fitas gravadas com essa metodologia foram transcritas em 1957 e o objetivo desse processo era o pensar alto com base em uma atividade de lógica. Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa. Universidade de Brasília. 2010.

enfrentam diversas dificuldades, entre elas a baixa escolaridade dos professores onde apenas 9% têm formação superior. Os jovens que estão estudando na LEDOC são oriundos de lugares muito distantes dos centros urbanos e de regiões com muitas carências:

“...a comunidade Kalunga é um lugar de difícil acesso, localizada as margens do Rio Paraná 90Km da cidade mais próxima, uma comunidade extremamente carente, com um índice muito alto de analfabetos e ainda sofrem discriminações por parte das pessoas da cidade. (L.D.S. Monte Alegre de Goiás. 29 mai 2009.(4)

“porque nasci e cresci no campo e me identifico com esta realidade e não pretendo sair do campo, sempre estudei no campo desde o ensino fundamental e terminei o ensino médio na escola estadual Madre Cristina do assentamento onde vivo e tenho orgulho desta escola porque ajudei a lutar para conquistá-la, hoje ela possui 320 alunos que vivem no campo. J.G.S. Mirassol Doeste. 02 jun 2009. MT (31)

O que chama atenção em suas cartas não é o fato em si mesmo, ou os acontecimentos mas sim, as circunstâncias, as sensibilidades, os espaços, os vazios, que permeiam a rememoração de suas histórias de vida. As narrativas orais estão carregadas do que Benjamim (1994) denomina de “escovando a História a contrapelo” em suas cartas articulam o que Benjamim em uma de suas teses denomina de: rememoração e redenção: um olhar para o passado para emancipar-se no presente: a redenção não ocorre graças ao progresso, mas sim na luta contra a corrente. O *agora benjaminiano* resulta na possibilidade de construção da história com a conjunção do presente, futuro e passado como podemos perceber em seus diários, protocolos e cartas. De acordo com Benjamim (1994) essa construção deve ocorrer pelos oprimidos, pois se a construção for realizada pelos dominantes, temos a repetição, um retorno do sempre igual. No Brasil é muito conhecido o termo: mudar para não mudar. Por isso a necessidade de olharmos a história engajada com o seu próprio tempo, mas articulada com o tempo de outrora destes sujeitos que estão construindo uma outra história nas universidades que conseguiram ingressar por conta de muitas lutas para garantir o acesso e permanência no ensino superior de milhares de jovens do campo.

Esta licenciatura surge da necessidade de atender a imensa demanda reprimida existente no meio rural brasileiro, que sempre foi relegado em segundo plano em relação ao urbano pelo Estado Brasileiro. Na educação este quadro não é diferente como demonstram os dados, que apresentaremos logo a seguir. Há um fosso social, abismo ou apartheid entre o urbano e o rural. Este curso também visa atender a crescente demanda, apresentada pelos Movimentos Sociais articulados com diversas universidades brasileiras, numa articulação denominada de Educação do Campo, para garantir o acesso dos jovens do campo ao ensino superior, que hoje representam apenas 1,56% do total de alunos que estão nas universidades (MEC\INEP:2005).

A Educação do Campo, é um conceito relativamente novo, possui aproximadamente uma década, e tenta atender parte desta demanda reprimida por educação fundamental, média e de ensino superior. A LEDOC se situa neste universo da Educação do Campo e atua na formação de professores em quatro grandes áreas do conhecimento: (I) Linguagens; (II) Ciências Humanas e Sociais; (III) Ciências da Natureza e Matemática; (IV) Ciências Agrárias. O curso é oferecido pela UnB no sistema de alternância dividindo-se em entre Tempo Escola e Tempo Comunidade, visto que estes alunos são oriundos dos quatro Estados da Região Centro-Oeste. Devido às distâncias e envolvimento dos mesmos nos processos produtivos do campo, não conseguem manter frequência diária à Universidade. Para ingressar no curso os alunos realizam o vestibular e precisam enviar uma carta de intenções onde devem comprovar seu vínculo com o campo e justificar porque desejam ingressar neste curso:

“ eu pretendo fazer licenciatura em educação do campo, para obter mais conhecimento e atuar como profissional na briga pelo reconhecimento do homem no campo, como sujeito de cultura e valores que precisam ser respeitados e valorizados. Para que o meio rural seja visto como espaço condizente de sobrevivência, permanência e perspectiva de vida”.

“ eu nasci numa família de 10 irmãos, onde a agricultura familiar era predominante, onde plantávamos e colhíamos quase todos os alimentos que nós precisávamos para sobreviver isso que a terra que meus possuíam era pouca... “Eu trago comigo desde meus avós e bisavós o amor pela terra de pessoas que sempre estiveram ligados ao campo, cultivando nossas raízes

de geração em geração, reforçando nossos laços culturais” (I.L. Assentamento Pontal do Marapé. Nova Mutum. MT. 06 jun 2009.(8).

“ Desejo fazer o curso de educação do campo, porque moro na zona rural e trabalho com o professora e quero aprimorar meus conhecimentos em relação ao campo. (M.A.L.S. Jangada. MT. 01 jun 2009.(10)

Estas cartas são fontes e documentos importantes para a história e memória dos jovens pobres do campo que estão chegando nas universidades brasileiras. Como afirma Thompson (1987) os indivíduos pobres do passado deixavam poucos registros e, por isso, lembra que o pesquisador tradicional, quando vai escrever a história dos de baixo, fica tentado a procurá-los em registros criminais. As cartas de intenções dos alunos servem como uma forma de acesso e ingresso como parte do processo de seleção dos alunos da Licenciatura em Educação do Campo, são documentos de extrema importância para a história e memória da Educação do Campo. Ao pesquisar a Formação da Classe Operária, Thompson (1987) utilizou-se de diversas fontes como as cartas, relatórios da Sociedade Londrina de Correspondência; matérias de jornais da época como o *Tribune* e o *Morning Post*, além de relatos de manifestações. Os diários de diferentes indivíduos, panfletos da época, de cunho religioso e político; literatura do período; correspondências entre indivíduos das Sociedades dos trabalhadores; atas de julgamentos; e relatórios das atividades organizadas pelos trabalhadores. É importante destacar que estes documentos só foram conservados porque havia o medo do governo inglês da organização dos trabalhadores pobres e, assim, infiltrou espiões que produziam relatórios sobre as atividades dessas entidades. Thompson (1987) não tem preconceitos em relação às fontes pesquisadas: utiliza tanto documentos oficiais como as memórias de trabalhadores pobres e a literatura da época para tentar entender a história vista de baixo. Podemos observar em suas obras que não há preocupação com a quantidade de documentos, mas da análise qualitativa dos documentos e com fontes tão diversas uma ampliação da noção do que é documento histórico, fonte histórica e de como podem ser utilizadas pelos historiadores.

Nesta pesquisa procuramos seguir esta metodologia proposta por Thompson, analisando também documentos que tratam do acesso destes jovens nas universidades. E

tem provocado no Brasil diversas manifestações contrárias, liminares na justiça tentando impedir a realização de cursos da Educação do Campo. Ações na justiça contra as quotas para negros e índios na UnB. A proibição por parte Ministério Público de um Curso de Direito na UFG, para custeio de curso superior *em área de conhecimento que não se mostre evidentemente ligada aos fins colimados pela reforma agrária, e via de consequência, declarando-se a ilegalidade*. Esta alegação demonstra o conservadorismo das elites brasileiras que querem determinar quais áreas do conhecimento os pobres do campo devem ou não ter acesso. Da mesma forma aconteceu com os cursos de Agronomia na UFS, de Veterinária na UFPEL, entre outros. Existe um vasto o material de pesquisa neste campo, tamanha a reação das elites deste país contrárias a entrada dos pobres na universidade. É esta concepção de mundo, de Estado que mantém milhões na exclusão social, no analfabetismo, e sempre dificultaram o acesso ao ensino superior das camadas mais pobres da população. Porém nos últimos oito (2003-2009) devemos destacar que houve um esforço importante para garantir a ampliação de vagas nas universidades federais, com o ingresso de cerca de 400 mil jovens, a criação de 14 novas universidades federais, 104 novos campi, entre eles está a Faculdade UnB Planaltina que sedia este curso para professores do campo.

É uma luta por uma nova concepção de direito: o direito a ter direitos. Essa concepção não se limita portanto a conquistas legais ou ao acesso a direitos previamente definidos, ou à implementação efetiva de direitos abstratos e formais, e inclui fortemente a invenção / criação de novos direitos, que emergem de lutas específicas e da sua prática concreta. A disputa histórica é aqui também pela fixação do significado de direito e pela afirmação de algo enquanto um direito é a reivindicação de acesso, inclusão, *membership*, "pertencimento" (*belonging*) ao sistema político na medida em que o que está de fato em jogo é o direito de participar efetivamente da própria definição desse sistema, o direito de definir aquilo no qual queremos ser incluídos. A luta e a conquista de novos direitos por aqueles que estão excluídos implicará, modificações radicais na nossa sociedade e na estrutura das relações de poder que a caracterizam

Em sua obra Thompson (1987) toma como uma fonte importante a documentação sobre a Sociedade Londrina de Correspondência (SLC), talvez a mais importante da época, pelo seu alcance pois envolvia cafés, tavernas, igrejas, e pela disponibilidade de documentos preservados. O detalhe da palavra correspondência no nome da entidade advém da questão de que eram proibidas, pelas leis da época, Sociedades de trabalhadores que abrangessem todo o território nacional. Assim sendo, a única maneira que essas entidades tinham de se comunicar ou trocar idéias era através de se corresponder uma com as outras, inclusive para enviarem delegados para reuniões mais importantes.

As cartas de intenções dos alunos da Licenciatura em Educação do Campo servem para comprovar seu vínculo com o campo. Na construção das narrativas partem de suas memórias, não como um depósito de tudo o que aconteceu, pois a memória é por excelência, seletiva. Os alunos trazem para o presente aquilo que, por um motivo ou por outro, tem ou teve maior significado em suas vidas. Assim a história pessoal é uma organização do que seletivamente foi guardado para aquele momento de elaboração das cartas. Suas narrativas demonstram que a história deste grupo é também a organização do que foi seletivamente demarcado como significativo na memória social das comunidades em que vivem:

“ sou sujeito do campo, filha de pequenos produtores rurais, nasci em Buritis MG e estou na luta pela terra desde 1994, passei por vários acampamentos de reforma agrária e desde 1998 moro na comunidade Itaúna. Sempre estudei em escolas públicas com muitas dificuldades de chegar até lá” (N.M.C.S. Assentamento Itaúna. Planaltina de Goiás. 07 abr 2009.(11)

“ desde 2004 moro na comunidade Antonio Conselheiro, onde são assentadas 999 famílias, na minha comunidade existem três escolas: Ernesto Che Guevara, Marechal Rondon e Paulo Freire. (E.A.A.R. Assentamento Antonio Conselheiro. Tangara da Serra. MT. 25 mai 2009.(14)

Os alunos que ingressaram na Universidade narram os acontecimentos vividos na esfera do presente mas recorrem ao passado, lembrando de muitas coisas que vieram

antes e depois; lembranças vividas, passadas, guardadas, ou esquecidas. Viver este momento para estes jovens está sendo possível, por conta de uma luta anterior pela educação protagonizada pelos Movimentos Sociais há cerca de uma década articulados com algumas Universidades Públicas Federais, entre elas a UnB. Iniciou com a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA:1998) e tem como objetivo ampliar os níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados, atuando como instrumento de democratização do conhecimento no campo, ao propor e apoiar projetos de educação que utilizam metodologias voltadas para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária. A proposta do PRONERA visa capacitar educadores, para atuar nos assentamentos, e coordenadores locais, que agem como formadores locais, multiplicadores e organizadores de atividades educativas comunitárias é neste contexto que está inserida a formação de professores para as escolas o campo. Suas cartas estão repletas de intencionalidades, pretendem ajudar suas comunidades, aprimorar seus conhecimentos. Percebem a universidade como um espaço de crescimento pessoal, e depositam fortes esperanças no curso:

“ pretendo fazer a faculdade para que eu possa aprimorar meus conhecimentos e possa com isso poder ajudar as pessoas de minha comunidade com um ensino de qualidade....desde a infância sonho em ser uma professora e agora tenho a oportunidade de fazê-lo” (E.A.S.H. Assentamento Cooperpalmeira III. Formosa. GO. 15 mai 2009.(15)

“..quando soube da oportunidade que a Universidade de Brasília está dando aos camponeses de ingressarem no curso de graduação, fiquei feliz pois percebi, que esta seria uma grande oportunidade de ajudar minha família e a comunidade da qual faço parte. (E.G.X. Vale da esperança. Formosa. GO. 01 jun 2009.(16)

“ pretendo fazer esta faculdade pois não tenho condições financeira de pagar uma faculdade...fazendo esta faculdade vou poder ajudar minha comunidade, pois tenho visto o descaso que e na escola com falta de professores, e as crianças não aprendem nada. Andam até 60km passando fome, e quando chegam lá as vezes ainda não tem professores...creio que se tivermos um quadro de professores daqui podemos mudar muita coisa... (E.A.B. Comunidade Rural Virgilândia. Formosa. GO. 29 mai 2009.(20)

A educação passa a ser um direito garantido, conquistado, com muito esforço e dedicação. Assim como ocorria na tradição popular inglesa, relatada por Thompson (1987), o inglês comum tinha no seu imaginário desde a Revolução Gloriosa, o direito ao motim contra a opressão. Este exemplo demonstra que quanto mais direitos os indivíduos conquistam, por menor que eles sejam, mais amplo ficará o seu horizonte na luta por outros direitos. Isto empresta um enorme significado às lutas dos indivíduos, dos trabalhadores, pois mesmo que estas acarretem em derrotas, elas irão influenciar o processo histórico “um manancial para a legislação social do século XX” (THOMPSON: 1987: p. 102). Argumenta que a experiência das lutas dos populares na década de 90 do século XVIII “marcou a consciência popular por cinquenta anos” (ibidem, p 201).

As narrativas destes alunos consolida valores e norteia a compreensão do presente tanto para o indivíduo como para o grupo. Dar visibilidade a essas narrativas é uma forma também de repensar nossa história e, conseqüentemente, transformar nosso presente e futuro. A entrada no ensino superior dos Sujeitos do Campo também poderá marcar as Universidades, mesmo que tardiamente, neste caso o tempo perdido não se encontra no passado, mas no “futuro”, isto é, nos sonhos, nos desejos, nas aspirações do não-realizado, daquilo que não chegou a se concretizar, mas que ainda se encontra voltado para o porvir - qual uma utopia retrospectiva. Para isso se faz necessário como afirmar Benjamin (1994) escovar a História a contrapelo, para compreender melhor o presente. Buscar nas histórias de vida destes sujeitos elementos que garantam a continuidade do processo de sua participação como cidadão, inseridos no seu próprio, buscando mudanças sociais, possibilitam que o estudante construa pontes, ligações e interpretações entre o ontem o hoje e o futuro.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, M. G. (Org.) ; CALDART, R. S. (Org.) ; MOLINA, M. C. (Org.) . Por uma Educação do Campo. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. v. 1. 214 p.

BENJAMIN, W. Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas Volume I. Trad. Paulo Sérgio Rouanet – 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. O Narrador. Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paul Rouanet. 7ed^a, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.1).

COSTA, C. B. Construindo narrativas: conflitos de interpretações. Historia, Antropología y Fuentes Orales, v. 40, p. 40-60, 2009.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3-15, 1989.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA. PRONERA. INCRA. Brasil. 1998.

THOMPSON. A formação da classe operária inglesa. 3 vols. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

COPUS ORAIS E ESCRITOS. Cartas Alunos da Licenciatura em Educação do Campo

1. Fabiana da Rocha Santos. Mirassol Do Este MT. 02 jun 2009. 2. Alcilene Alves Borges. Cavalcante. Goiás. 04 jun 2006. 3. Edinamar Gonçalves de Brito. Cavalcante. GO. 04 jun 2009. 4. Lorrani Dias dos Santos. Monte Alegre de Goiás. 29 mai 2009. 5. Keyla Morales de Lima Garcia. Sinop. MT. 01 jun 2009. 6. Maria dos Reses Pereira da Cunha. Acampamento Miguel Caetano. Formosa. GO. 03 jun 2009. 7. Nilça Fernandes Maia. Comunidade Rural Maiadinha do Vão do Moleque Kalunga. Cavalcante. GO. 02 jun 2009. 8. Irma Lazarrotto. Assentamento Pontal do Marape. Nova Mutum. MT. 06 jun 2009. 9. Wanderléia dos Santos Rosa. Cavalcante. GO. Vão de Almas. 01 jun 2009. 10. Maria Aparecida Luiz dos Santos. Jangada. MT. 01 jun 2009. 11. Neuza Maria Cesário dos Santos. Comunidade Rural Itaúna. Planaltina de Goiás. 07 abr 2009. 12. Ludio Araujo Correa. Agrovila das Palmeiras. Santo Antonio de Leverger. MT. 20 mai 2009. 13. Luzinete Jesus de Oliveira Tolomeu. Assentamento Paiol. Sitio Che Guevara. Cáceres. MT. 05 jun 2009. 14. Eloisa Aparecida Arino Rosa. Assentamento Antonio Conselheiro. Tangara da Serra. MT. 25 mai 2009. 15. Elcicleide Alves Santana da Hora. Assentamento Cooperpalmeira III. Formosa. GO. 15 mai 2009. 16. Elizabeth Gomes Xavier. Vale da esperança. Formosa. GO. 01 jun 2009. 17. Joelice Francisco Maia. Comunidade Kalunga Engenho II. Cavalcante. Formosa. GO 01 jun 2009. 18. Henrique Costa Manico. São Domingos GO. 03 jun 2009. 19. Leda Mazetti Bilbio. Nova Mutum. MT. 06 jun 2009. 20. Eliane Alves Brandão. Comunidade Rural Virgilândia. Formosa. GO. 29 mai 2009. 21. Osmar Soares Campos. Nova Roma GO 02 jun 2009. 22. Claudia Cristhiane da Silva. Nova Mutum. MT. 05 jun 2009. 23. Lauro Pinheiro Rosa. Confresa. MT. 03 jun 2009. 24. Andre Bordim. Mabai. GO. 04 jun 2009. 25. Fabiana Francisca do Rosario. Virgilândia. Formosa. GO. 05 jun 2009. 26. Hambson Costa de Alencar. Monte Alegre de Goiás. 29 mai 2009. 27. Lucia Iara Rodrigues da Silva. Acampamento Palmares. Planaltina DF. 08 jun 2009. 28. Ester Gomes do Santos. Fazenda Genipapo. Nova Roma . MT. 04 jun 2009. 29. Layanne Fernandes Chaves. Assentamento Flores. Formosa. GO. 02 jun 2009. 30. Valquiria Gabriel da Costa. Assentamento Ponta do Marape. Nova Mutum. 06 jun 2009. MT. 31. Jose Gomes da Silva. Mirassol do Oeste. 02 jun 2009. MT. 32. Simone Matias do Nascimento. Acampamento Miguel Couto. Formosa. GO 02 jun 2009. 33. Adriana Gomes da Silva. Acampamento Palmares. Planaltina DF. 08 jun 2009.